

## INFOCRACIA: A DEMOCRACIA À MERCÊ DA ERA DIGITAL

**Maria Gabriela Chavenco Sala**

Graduanda em Direito, UEM.

Maringá – Paraná – Brasil

<https://orcid.org/0009-0002-7277-8551>

<http://lattes.cnpq.br/0097468783731041>

mariagabrielasala3@gmail.com

### Resenha de:

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia.

Petrópolis: Editora Vozes, 2022. Tradução de Gabriel S. Philipson.

Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2022. ISBN 9786557136201.

**RESUMO:** A obra *Infocracia: Digitalização e a Crise da Democracia*, de Byung-Chul Han, investiga os impactos da digitalização na democracia contemporânea. O autor argumenta que a sociedade moderna não é mais controlada por meio da coerção física, mas sim pela vigilância digital e pelo domínio da informação. Han explora como os algoritmos, as redes sociais e o consumo de dados moldam a opinião pública e influenciam processos políticos, tornando a democracia refém de manipulações informacionais. Ele demonstra como a polarização, as fake news e a fragmentação do discurso minam a racionalidade democrática, resultando em uma sociedade onde a verdade se dilui na desinformação. O autor conclui que, sem compromisso com a verdade, a democracia se enfraquece, tornando-se uma ilusão na era digital.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vigilância Digital; Manipulação Algorítmica; Desinformação.

**RESENHA:**

Publicada no ano de 2022 por meio da Editora Vozes, a obra “Infocracia: digitalização e a crise da democracia” é introduzida às prateleiras brasileiras para somar ao conjunto de obras do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, aclamado por leitores e críticos analíticos que se interessam em compreender as transformações sociais promovidas pelo desenvolvimento tecnológico, bem como os fenômenos que enervam os indivíduos perante a insaciável rede de comunicação do século XXI. Ao finalizar os instigantes argumentos desenvolvidos ao longo da obra, resta ao leitor uma reflexão induzida pelas mordazes escritas do autor: *Seria a democracia do futuro uma mera ilusão?*

O autor expõe seus vastos conhecimentos de forma brilhantemente concisa e simplificada, resultando, em breves 107 páginas, argumentações fundamentadas em pensadores e autores que perpassam a linha cronológica da Filosofia, citando desde as ideias platonistas da antiguidade como explorando pensadores dispostos na era moderna, exemplificados por Jean- Jacques Rousseau, Friedrich Nietzsche, Walter Benjamin, Gustave Le Bon, Hannah Arendt e Harry Frankfurt. Acrescenta-se ainda, ao longo da abordagem comparativa e interdisciplinar realizada por Byung-Chul Han, relevantes nomes também da contemporaneidade, como Foucault, Habermas, Postman, Huxley, Orwell e Luhmann, o que demonstra a incrível capacidade de fundamentação presente em “Infocracia”.

A obra, dividida em cinco partes independentes, porém relacionadas com a temática da decadência democrática em eras digitais, possui, em sua primeira seção, a abordagem acerca da forma de dominação permeada por informações adquiridas através de algoritmos e de inteligência artificial, as quais determinam processos evidenciados em diferentes esferas sociais, políticas e econômicas, denominado como “Regime de Informação” (p. 7). Em antagonismo com a tese foucaultiana sobre o regime disciplinar (muito discutida em “Vigiar e Punir”), Han defende que não são mais explorados primordialmente os corpos e energias tomados por docilidade através de técnicas disciplinares como isolamento ou adestramento corporal. O meio de ganho de poder é definido, no atual regime de dominação, pela posse e acesso de dados, não mais de sujeitos dóceis e obedientes, mas sim, de indivíduos que se consideram livres, autônomos e criativos em uma performance digital, mas que estão inteiramente submissos ao regime de informação, ou seja, a vigilância é interiorizada, de forma consciente e permanente, e as celas isoladas são substituídas pelas próprias redes de comunicação (p. 11).

Os indivíduos deixam de serem submetidos a uma coação disciplinar imposta, mas se inserem voluntariamente ao regime de informação, pois empenham seus próprios corpos à visibilidade, e desejam serem incessantemente vigiadas, desta maneira, a dominação, segundo o autor, se faz no instante em que a liberdade e a vigilância coincidem. Desta forma, o regime de informação domina a sociedade de forma

silenciosa, pois se funde completamente com o cotidiano, como em *Smarts Homes*, que protocolam a rotina vivida pelos moradores, os robôs que aspiram sujeiras, mas mapeiam também toda a casa, bem como demais aparelhos que vigiam os passos, conversas e batimentos dos indivíduos, construindo um presídio digital sem qualquer oposição (p. 15).

Na segunda passagem do livro, o autor concentra-se no fenômeno que dá nome à obra: a “Infocracia”, determinada pela corrompida forma de democracia vigente no regime da informação, com a degradação, por ilustrar, de campanhas eleitorais e guerras de encenações midiáticas que conquistam emocionalmente o público massificado.

Para exemplificar seu ponto de vista, Han cita os longos debates eleitorais entre o republicano Abraham Lincoln e o democrata Stephen A. Douglas ao longo de 1854, os quais tiveram duração de cerca de 7 horas, mas obtiveram grande atenção e concentração do público ao longo dos duelos. No entanto, o interesse político é contraposto pelo autor por meio dos debates televisivos de Ronald Reagan e seus oponentes, realizados no auge da midiocracia, e que transformaram-se em performances encurtadas e fragmentadas, encenadas para gerarem reações ardentes, e não mais em discursos argumentativos, tomados por racionalidade e complexidade.

Dessa forma, Byung-Chul Han cita a consideração de Habermas sobre as mídias de massas, as quais defende serem responsáveis pelo declínio da democracia pública e do pensamento raciocinante dos receptores, visto que a racionalidade requer tempo, elemento que a coação da acelerada comunicação priva a sociedade atual, afastando, deste modo, o teor democrático e racional, antes presente na coletividade.

Prosseguindo com suas reflexões ásperas, a terceira porção da obra destaca “O fim da ação comunicativa”, especialmente com a atuação dos chamados *followers*, que se inserem em um adestramento gerado pelo consumo e tornam-se súditos dos chamados influenciadores, resultando na despolitização e desaparecimento de diferentes pontos de vista, bem como os “*Filters Bubbles*”, ou filtro-bolhas, algoritmos que selecionam apenas os conteúdos que o usuário gostaria de ver com base nas suas próprias informações, como uma expulsão do outro.

Nas chamadas tribos digitais, as opiniões não possuem mais relação com fatos racionais e fundamentados, mas são substituídas por uma crença e voto de confiança, além da polarização da sociedade e a criação do diferente como inimigo. O outro não é mais ouvido de maneira atenta, mas suas informações são selecionadamente consideradas, o que destrói a política discursiva e culmina em uma guerra identitária, culminando no fim da ação comunicativa. Dessa forma, as mentiras tornam-se circunstâncias essenciais para manter a sociedade junta, como uma condição de convenção necessária (p. 74).

O penúltimo capítulo, denominado como “Racionalidade digital” continua expondo a discussão acerca da erosão comunicacional, visto que o discurso anteriormente realizado fora substituído por dados e

algoritmos, transformando o discurso em elemento visto meramente como uma forma lenta e atrasada de processar informações, especialmente pelos dataístas, indivíduos que enxergam o *Big Data* como a fonte una e verdadeira de valor. Desta forma, estes seguidores adeptos a esta corrente dataísta acreditam em uma sociedade pautada na racionalidade digital, e não mais na ação comunicativa, o que culminaria, para Han, na substituição da lógica e da comunicatividade pelo controle digital e artificial dos dados e informações dispostas socialmente.

Na última parte do livro, o foco dirige-se para “A crise da verdade”, como um niilismo da modernidade, visto que o discurso se desintegra em várias informações, levando à crise da democracia, esvaziada por falsas notícias, teorias conspiracionais e desinformações. Byung-Chul Han conclui que autoridades que despejam informações falaciosas são desconsideradas mentirosas habituais, mas são capazes de criar, em sua totalidade e enormidade, uma nova realidade, acreditada por muitos em uma nação digital. Fatos são repassados, alterados e reinterpretados sem preocupação com a verdade, criando uma fraude universal, que consolida uma total mentira, não ponderada pelos cidadãos do século atual.

O autor finaliza sua obra examinando a não tolerância, por parte da democracia, com o novo niilismo. Ela deve exigir um falar a verdade, pois, segundo Han, apenas a infocracia se sustenta sem a verdade, mas não a democracia. Acrescenta ainda que a verdade é imprescindível para sociedade, pois “sem verdade, a sociedade rui internamente” (p. 97).

A magistral obra torna-se, desta forma, indispensável para o meditativo enfoque acerca da vulnerabilidade dos indivíduos os quais, tomados por uma cegueira, colocam em risco seus direitos inalienáveis, culminando na crise da democracia coletiva.

## REFERÊNCIAS

CARRASCO, Bruno. **Cronologia da filosofia**. 13 out. 2020. Disponível em: <https://www.ex-isto.com/2020/10/filosofia-cronologia.html>. Acesso em: 08 dez. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

SANTANA, Ramon Davi; NEVES, Barbara Coelho. **Medição algorítmica e efeito "filtro-bolha" no ciberespaço**. Tendências da Pesquisa Brasileira e Ciência da Informação, ANCIB, v. 14, 2021.

**INFOCRACY: DEMOCRACY AT THE MERCY OF THE DIGITAL AGE**

**ABSTRACT:** The book *Infocracy: Digitalization and the Crisis of Democracy*, by Byung-Chul Han, examines the impact of digitalization on contemporary democracy. The author argues that modern society is no longer controlled through physical coercion but rather through digital surveillance and the dominance of information. Han explores how algorithms, social networks, and data consumption shape public opinion and influence political processes, making democracy hostage to informational manipulation. He demonstrates how polarization, fake news, and the fragmentation of discourse undermine democratic rationality, leading to a society where truth is diluted in misinformation. The author concludes that without a commitment to truth, democracy weakens, becoming an illusion in the digital era.

**KEYWORDS:** Digital Surveillance; Algorithmic Manipulation; Disinformation.

**INFOCRACIA: LA DEMOCRACIA A MERCED DE LA ERA DIGITAL**

**RESUMEN:** La obra *Infocracia: Digitalización y la Crisis de la Democracia*, de Byung-Chul Han, investiga los impactos de la digitalización en la democracia contemporánea. El autor argumenta que la sociedad moderna ya no es controlada a través de la coerción física, sino mediante la vigilancia digital y el dominio de la información. Han explora cómo los algoritmos, las redes sociales y el consumo de datos moldean la opinión pública e influyen en los procesos políticos, convirtiendo a la democracia en rehén de manipulaciones informativas. Demuestra cómo la polarización, las fake news y la fragmentación del discurso socavan la racionalidad democrática, dando lugar a una sociedad donde la verdad se diluye en la desinformación. El autor concluye que, sin un compromiso con la verdad, la democracia se debilita, convirtiéndose en una ilusión en la era digital.

**PALABRAS CLAVE:** Vigilancia Digital; Manipulación Algorítmica; Desinformación.